

# A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 4 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 4

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34  
MINERVA RIBEIRO, Guimarães

## VIVA A REPUBLICA!

Não. Nem o desalento se apossou dos republicanos, nem as doutrinas democráticas perdem terreno. Na luta sempre sustentada altivamente por este generoso povo de Portugal contra a opressão, viesse ela duma casta ou das próprias instituições, e que teve o seu desfecho na gloriosa jornada de 5 de Outubro, está a garantia segura da estabilidade do regime republicano e ainda a afirmação de que só a República, nivelando as classes e abolindo prerrogativas, pode convir á nação que muito antes da Revolução Française se recusava a reconhecer o direito divino dos reis, a esta teoria antepondo a da sua própria soberania. E que a Democracia não perde terreno e que a fé nos destinos das instituições que nos regem é viva e ardente, bem o demonstrou a homenagem prestada a Teófilo, a sessão de propaganda promovida pela União da Mocidade Republicana e a apoteótica recepção feita ao illustre presidente da República na sua viagem ao norte. Factos de alto valor, pelo seu significado politico, todos elles atestam que nem os erros dos homens nem as vicissitudes do momento podem entibiar o animo dos republicanos, que no Ideal que servem e defendem, veem o penhor certo de melhores dias para a sua Patria e a mais completa expressão a que podem tender as suas aspirações de liberdade. E o povo, este generoso povo que ainda ha pouco tempo, em Monsanto e em Chaves, escreveu com sangue o seu juramento de fidelidade á Republica, será hoje o que foi ontem e o que foi sempre: abnegado e heroico na defesa daqueles principios que lhe garantem a existencia social e politica. Não; a caravana ha-de passar, que a orientam e impelem as tradições de muitos séculos.

DÓRIO.

## ENERGIA ELECTRICA

O prometido é devido e cá estamos para applaudir sem reservas o procedimento dos nossos vereadores nesta questão da luz, como applaudiremos qualquer medida que represente defesa dos municipes e da terra, e prestigio da Republica.

A nossa missão de jornal republicano é só dignificar o ideal que defendemos. Não ha para nós individualidades nem correligionarios, nem temos pendão para cobrir mazelas. Mas é para nós motivo de orgulho e de satisfação tudo que se faça sem tibésas e com interesse, e dentro das normas da verdadeira democracia.

Os concessionarios da luz electrica em Guimaraes e Taipas cortaram a luz por livre alvedrio, nesta ultima povoação.

Respeito pelo contratos e pelos interesses publicos e particulares, foi posto de lado, á maneira do Kaiser. Justo é, bem sabemos, que todos procurem o aumento dos seus proventos, mas dentro do estabelecido, do justo e do necessário. O procedimento atrabillario do dono da luz de Guimaraes, encontrou na Camara uma opposição ás suas ambições desmedidas. Só temos que nos felicitar. E teve de voltar a iluminar as Taipas, perante a justissima intimação que lhe foi feita.

A Camara, reunida em sessão extra-ordinaria de 23 de Dezembro passado, resolveu, por unanimidade, em sessão presidida pelo seu presidente sr. Mariano Felgueiras:

1.º notificar judicialmente os concessionarios da luz electrica para, nos termos do artigo 25.º do contrato, restabelecer no prazo de dois dias, a luz electrica nas Taipas;

2.º autorisar o seu Presidente a tomar todas as medidas para assegurar, provisoriamente, a iluminação daquelle povoação, sem ohiar a despesas, pois todas elas e riscos correriam por conta dos concessionarios, nos termos do contrato;

3.º fazer as necessarias comunicações ao sr. Ministro do Comércio;

4.º promover nos tribunais competentes a acção e rescisão do contrato, procedendo se depois nos termos do artigo 26.º.

Depois disto, pouco mais ha a dizer.

Feita a intimação a luz voltou ás Taipas...

Trabalha agora a Camara no sentido de conseguir que o preço da energia não seja a que os concessionarios querem, mas sim o que deve ser.

Aguardamos e ficamos esperando da Camara o cumprimento da sua missão para continuarmos a louvá-la.

Lêde e propagai

"A RAZÃO,"

## A "União da Mocidade Republicana,"

A imprensa monárquica não se farta de gritar a todos os ventos que a mocidade de Portugal é essencialmente conservadora.

E' mentira. A mocidade de Portugal acaba de afirmar bem alto, num comicio realiado no Teatro Nacional, em Lisboa, que é republicana e bem republicana.

A Associação Académica Republicana de Coimbra, isiciou os seus comicios de propaganda republicana, começando pela Figueira da Foz.

Mais de 600 académicos, na estação de Coimbra, aclamam com entusiasmo, na sua passagem, o sr. Presidente da Republica.

No Porto, os académicos fazem-lhe uma recepção condigna.

Mas o facto primordial e significativo foi o comicio de Lisboa.

Inicio da intensa propaganda a favor dos principios democraticos em todo o pais, é a afirmação clara de que a «União da Mocidade Republicana» não desarmará ante o snobismo monarquico de meia duzia de parvenus.

—Esses é que nunca representarão o espirito da mocidade portuguesa, visto que, em vez de erguer a cerviz, só almejam por dobrar os joelhos. Eles renegam as lutas generosas dos seus antepassados que lhes deram a liberdade que hoje afrontam; não cantam, não clamam, não vibram; a sua palavra é fria, a sua imaginação é opaca, a sua alma á soterua. Levados por uma monstruosa aberração, pretendem tornar a humanidade novamente num rebanho; alguns chegam a proscriver a intelligencia. Pois nós haviamos de deixar correr mundo a lenda humilhante de que toda a juventude portuguesa era isto? — diz Fernando Mayer Garção.

Ouçamos a afirmação do estudante Filipe Ferreira:

«A União da Mocidade Republicana irá onde fôr preciso, agitará a opinião publica, chamara a atenção dos governantes, sacudirá do sono e do desalento os bons republicanos e provará—desviada dos interesses—que os principios não faliram e que a Republica tem uma grande obra a realizar. A União da Mocidade Republicana irá junto do povo; defenderá os seus interesses; dirá que elle tem direito a ser escutado; provará que mantiam os que afirmavam que a mocidade portuguesa só era monarquica. E, depois de dizer tudo isto, a União dirá, ainda, que não quer nada, que não tem ambições, que não tem inter-

resses e que apenas quer amar e defender, orgulhosa da sua liberdade, a Patria e a Republica».

O quintanista de Direito, Rodrigues Migueis, clama:

—Não podemos—não devemos—ficar-nos pelo caminho, olhando o que passou. A vida é implacavel! Quem quizer realizar o milagre, que não olhe para traz. Olhos postos no horizonte, é preciso marchar, marchar incançavelmente. Os que tombaram, lutando, cumpriram o seu dever. A nós, que ainda estamos de pé, cumpre-nos avançar, enquanto é tempo!

E, finalmente, o estudante Santos Ferro, diz:

—E' pena que ainda exista uma especie de mocidade que procure um rei como quem procura dono, como se ainda estivessemos no tempo dos escravos.»

Em Guimaraes, na terra do monarquismo ignaro e interesseiro, e que é tão conservadora que ainda apresenta o aspecto dos tempos idos, torna-se necessário dar combate sem treguas aos monárquicos e aos falsos republicanos.

Como? Secundando a «União da Mocidade Republicana», fundando uma associação em que nós os «moços republicanos» possamos reunir, discutir principios e combinar a melhor maneira de dar combate aos monárquicos.

Ajuntando-nos para ir junto do povo levar-lhe a palavra da verdade, para combater a ganância e a propotência e ainda para fiscalisar a acção dos homens da Republica, mormente os de Guimaraes.

Ergamos ao lado da «Juventude Monárquica» a «Mocidade Republicana».

Demonstremos que a nossa «Mocidade» é uma mocidade de verdade, sangue rubro nas veias e alma aberta a todas as nobres aspirações.

Filhos do povo, não atraioamos o povo.

Académicos Republicanos de Guimaraes, contamos com o vosso esforço e com a vossa intelligencia.

Sereis o nucleo-base da nossa Associação.

O nosso lema será:

Pela Patria e pela Republica!  
«Fora e acima dos partidos, fora e acima dos maus politicos».

KARL.

sua morte foi muito sentida, porquanto foi dotada de um coração bondoso e de uma alma caritativa.

O seu funeral foi muito concorrido, organizando-se vários turnos.

A familia entulada os nossos sentidos pezames, especialmente ao nosso presado amigo Dr. Marcelino Fernandes.

## D. Amélia Fernandes

Já o último numero do nosso jornal começava a ser distribuido quando nos informaram de que havia falecido a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Amélia Mendes Fernandes, estremeçada esposa do nosso particular amigo sr. José Martinho Fernandes.

Senhora de raros dotes, a



Um alvitro...

Na luta travada entre republicanos e monárquicos de várias côres, o 19 de Janeiro marca o estrebuchar da monarquia. Com todos os trunfos na mão, como é costume dizer-se, os monárquicos mal conseguiram esboçar uma felez tração em que os principais papeis foram desempenhados por «Culhões» de varios quilates, mas todos enidos jána ridiculisa da farça.

Foi uma palhaçada em que alguns «artistas» assombraram o publico e agulir «espadas» e estópa incendiada e outros se divertiam a FAZER SANGRIAS E BATUQUES no odioso «Eden». Pois, senhores, o homem que organizou tudo isso e que é o mesmo da «pauha de notas» aos papalvos e o mesmo das barlescas incurções pela fronteira da Galiza, é tambem aquilo «por cuja adesão a Republica trocára a de todos os monárquicos que se bandearam», diz o «Ecos».

Tambem nos parece, colega. A Republica devia adquirir o «Comandante». Estão lá os Jogos Olímpicos e nas corridas pedestres só elle era capaz de nos trazer a victoria. A fugir, parece que vaa. Aquilo era soltá-lo e gritar-lhe: ai veem os republicanos! Era victoria certa.

Ai fica o alvitro.

Tolerancias...

Diz o «Ecos»: «A monarquia do Monte Pedral foi tolerante, porque não perseguiu os seus adve sarios...» Nem a gente sabe como classificar a afirmação, se de zombaria, se de impudôr.

Estes «alunos» acharam pouco as humilhações, vexumes e assassinatos cometidos no curto prazo de 26 dias de trauitania. Acharam pouco ou «não acharam nada». Depois do que se passou e que é de todos conhecido, dizer-se que não houve perseguições, é caso para cair... de côco-as. Que grandes paudegos e que grandes desvergonhados!...

... De S. Francisco

Depois de tantas e tão inglorias derrotas, Paiva Couceiro tem esta consolatória toçante: os monárquicos de Guimaraes dizem-se refeitos do último susto e por isso prontos a volver á sombra da bandeira do rei. Que o susto não foi pequeno, prova-o o facto de serem precisos 5 longos anos para dele se refazorem, mas isso não tem importância. São águas passadas.

O que nos dá no gôto é o tom marcial da coisa: «Comandante! Viva o Rei! Estamos prontos a entrar nas trincheiras!»

Não há dúvida, dirá o «Comandante», os de Guimaraes estão em arma de... S. Francisco.

Teatros

Consta-nos que se pensa em construir um teatro. Pedimos desculpa por não hereditar, pois já sabemos quais os resultados das iniciativas dos filhos da nossa terra. A não ser que haja alguem que tome isso a seu cargo e seja toinosa. Do contrário...

Propagai «A Razão»,

